

ARTIGOS

ALGUNS PONTOS CONTROVERTIDOS EM TÔRNO DA COLUNA TRAJANA.

MARIA DA GLÓRIA ALVES PORTAL
da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de
Bauru (SP.).

Os historiadores conferem valor desigual à Coluna Trajana como fonte histórica. As divergências não se referem só a simples detalhes, mas também às cenas principais das guerras dácicas nela fixadas; as interpretações chegam a ser totalmente opostas. Daí a necessidade de confrontar, constantemente, a coluna com as fontes literárias disponíveis e, especialmente, com os recentes estudos arqueológicos, que cada dia fornecem mais dados para o conhecimento da cultura dácica (1).

Pelas suas conseqüências as guerras dácicas do Imperador Trajano situam-se em lugar singularmente importante na História Antiga. Trouxeram ao Império Romano um passageiro levantamento das finanças. O Estado dácico não pôde mais ser reconstruído. Transformada em província, na Dácia recebeu colonos da Itália; mas o sangue latino provém principalmente dos legionários que, passando uma parte de sua vida nos campos do Danúbio e dos Cárpatos, permanecem após a dispensa definida (2).

(1). — Disponemos dos seguintes estudos recentes: *Materiale si Cercetari Arheologice*, (com resumos em francês), Editora Acadêmica da Rep. Pop. Rum., vol. III, 1957, com vinte e dois comunicados de escavações; vol. IV, 1957, com dez comunicados de escavações e seis estudos e pesquisas; vol. V, 1959, com cinqüenta e sete comunicados de escavações e oito estudos e pesquisas; vol. VI, 1959, com cinqüenta e seis comunicações preliminares sobre as escavações de 1957 e dez estudos e pesquisas; vol. VII, 1960, com sessenta e duas comunicações preliminares sobre as escavações de 1958. *Studii si Cercetari de Numismatica*, (com resumos em francês), Editora cit., vol. II, 1958, e vol. III, 1960. *Dacia, Revue d'Archéologie et d'Histoire Ancienne*, Editora cit., nova série: volumes do I ao V, de 1957 a 1961. Florescu (F.B.), *Monumentul dele Adakliski*, Editora cit., 1962. Stoian (Iorgu), *Tomitana*, Editora cit., 1962. Florescu (Gr.), Florescu (R.), Diaconu (F.), *Capidava* (Monografia arqueológica), Editora cit., 1958. *Archeologia Moldovei*, Editora cit., (catorze estudos com resumos em francês), I, 1961. Tudor (D.), *Istoria Sclavajului in Dacia Romana*, Editora cit. 1957.

(2). — Jorga (N.), *Histoire des Roumains et de leur Civilisation*, Paris, 1920, pág. 32.

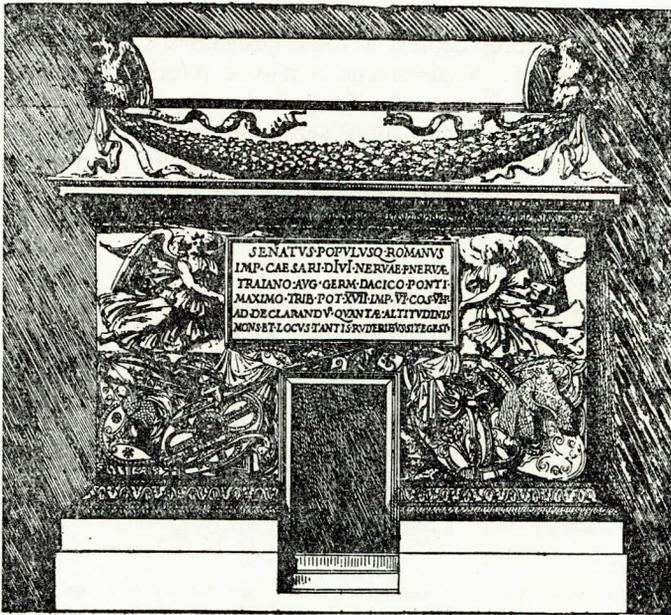


Fig. 1.

Os romanos realizaram uma política rápida e firme de romanização da região conquistada. Dêsses resultados decorre a especial atenção que os historiadores modernos vêm dedicando às guerras dácicas, atenção que não pode impedir que tais guerras constituam ainda uma das questões menos claras da História Antiga. A extrema pobreza das fontes literárias (perderam-se os *Commentari* de Trajano e *Getiche* do médico grego Criton), leva os historiadores a interpretar a Coluna quando desejam estudar as guerras dácicas.

No século XVIII negou-se à arte imperial qualquer caráter de originalidade (3). Sômente no século XIX considerou-se o valor da arte imperial (4). Ninguém contesta que o escopo político da Coluna deveria exprimir a força do império, a coragem, o heroísmo do exército romano, em uma palavra, ninguém nega que os relevos fôsem destinados a sustentar a propaganda do Império e do imperador. Na preferência pelo quadro, pelo relêvo histórico, está uma das características da originalidade da arte romana.

Roberto Paribeni considera idéia “estranha e infeliz” a de envolver em espiral, em tórno de uma coluna, um longo relêvo histórico, de modo que não se pode ver completamente um episódio (5).

Na primeira parte dêste estudo veremos que há trabalhos pertencentes à última quarta parte do século passado, como os de Cichorius e Reinach, conferindo total valor à Coluna como fonte histórica. Em polo oposto, na primeira quarta parte do nosso século, colocam-se E. Strong e Lehmann Hartleben. A tendência recente, amparada pelos progressos da Arqueologia, é atribuir valor relativo à fonte histórica em aprêço. Em seguida apresentaremos uma síntese do que pode ser dito da Coluna como fonte epigráfica. E' óbvio que poderiam ser tecidas maiores considerações. Duas cenas há (fig. 2 e 4) cuja interpretação é de suma importância para o estudo da cultura na província da Dácia. A fig. 3 é um flagrante das falhas da Coluna como fonte histórica.

*

C. Cichorius considera a Coluna Trajana como documento de absoluta fidelidade (6). Da mesma forma, S. Reinach é de parecer

(3). — Paribeni (Roberto), *Optimus princeps*, Messina, 1926, vol. II, pág. 240. (Micro-filme fornecido pelo Centro Nacional da Pesquisa Científica, Paris).

(4). — *Ibid.*

(5). — *Id.*, vol. II, pág. 247.

(6). — Cichorius (C.), *Die Reliefs der Trajanssäule*, Berlin, 1896; apud Dalcovicu (H.), *Osservazioni intorno alla Colonna Traiana*, in *Dacia (Revue d'Archéologie et d'Histoire Ancienne*, 1959, pág. 317).

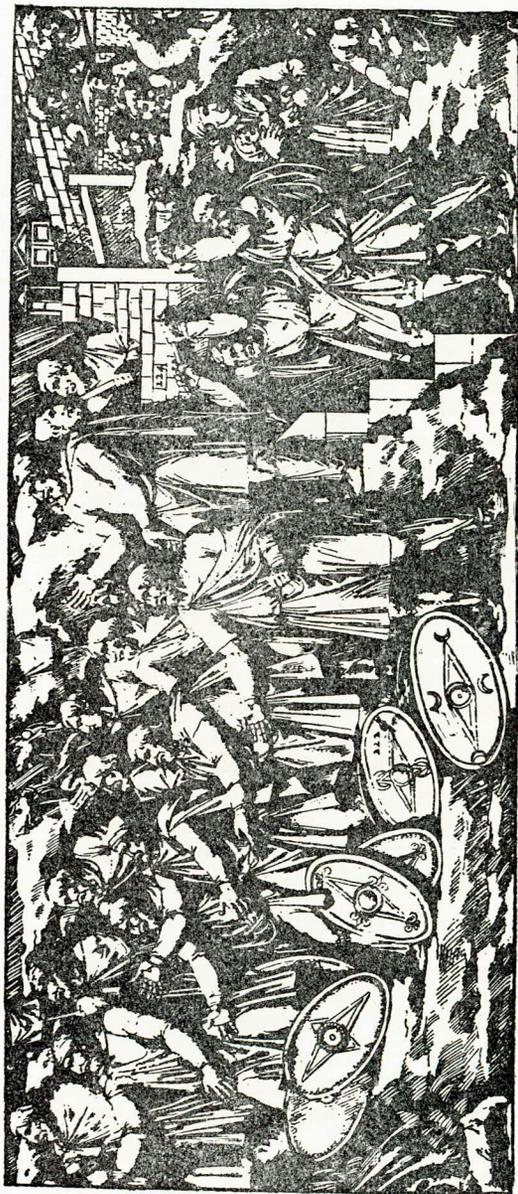


Fig. 2.

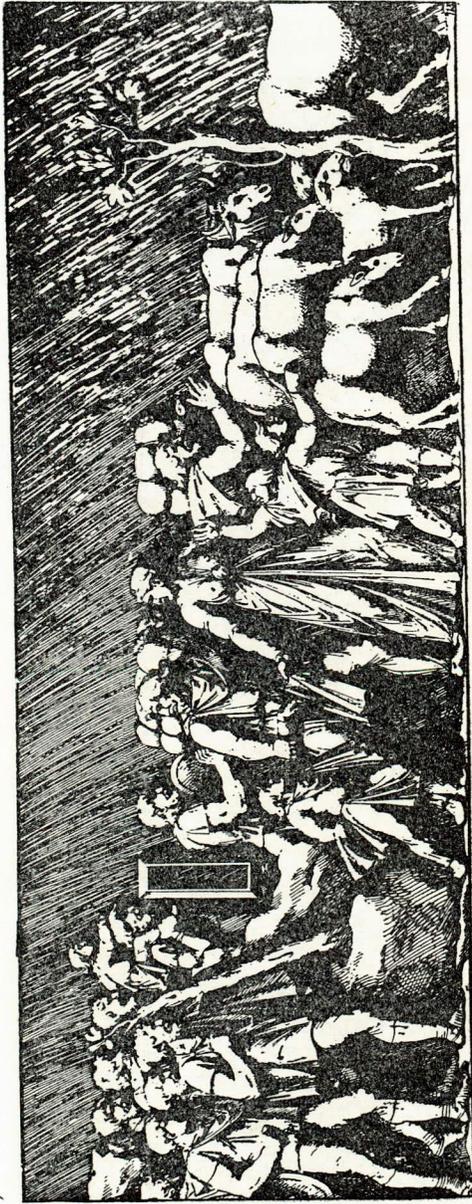


Fig. 3.

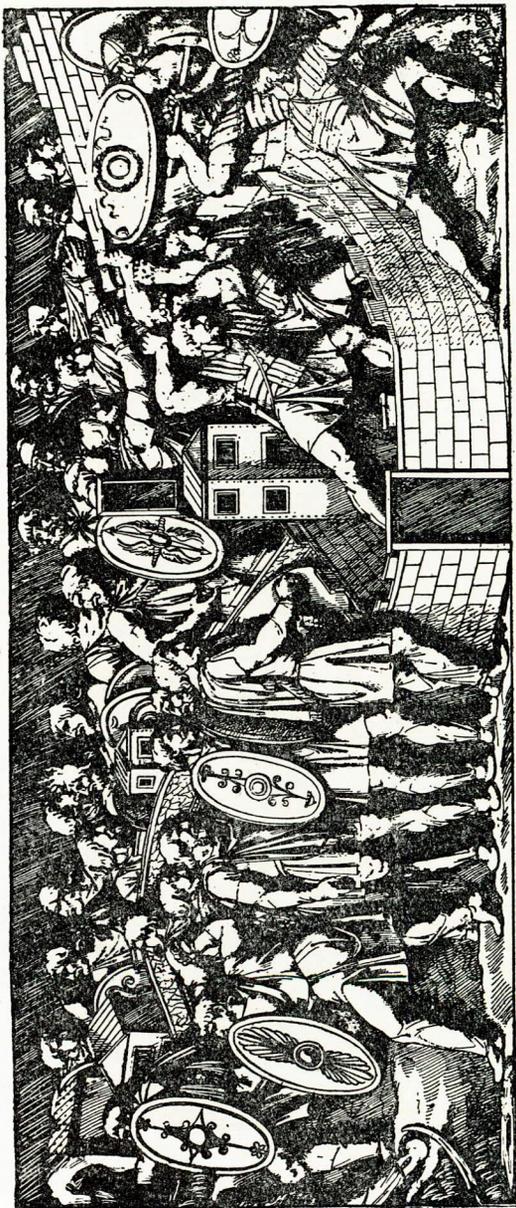


Fig. 4.

que a Coluna triunfal é a expressão exata das guerras dácicas (7). Ao contrário, Lehmann Hartleben afirma ter o documento escasso valor como fonte histórica (8). Roberto Paribeni é de opinião que assim como não se pode negar valor histórico ao Panegírico de Plínio-o-jovem, porque as formas obedeciam às severas leis da retórica, seria arbitrário induzir da observância das regras: estilização, simetria, ritmo, necessidade de preencher espaço que se encontram na Coluna, nenhum ato atentativo documentário (9). Desta forma, a Coluna seria um documento histórico de grande importância, mas um documento histórico no conceito largo da Antigüidade para a qual a História era um *genus oratorium*, um documento criado para um determinado escopo. Hadrian Daicoviciu vê a necessidade de um contínuo confronto entre a Coluna e outras fontes históricas (10).

*

A figura nº 1 (11), inscrição do pedestal da Coluna Trajana, revela os poderes de Trajano e penso que, mesmo, o sentido da arte imperial. Daí a capital importância da Coluna como documento epigráfico. Tôda a obra do imperador dependeu, em grande parte, de sua fôrça em *auctoritas* (12). A epígrafe salienta também *potestas*. A inscrição em foco foi incisa no ano 113 e expressa: Augusto, Germânico, Dácio, Pontífice Máximo com Poder Tribunício XVII vêzes. Aclamado Imperador VI vêzes, Cônsul VI vêzes. Augusto, de *auctus* (acrêscimo) (13); os lugares consagrados pela religião eram chamados augustos (14). A palavra Augusto indica, pois, o acrêscimo de alguma coisa ao conjunto de poderes; encerra *auctoritas*. De acôrdo com o ideal estóico, o poder era confiado por Deus ao homem, moral e intelectualmente superior ao resto da humanidade. Marco Úlpio

-
- (7). — Reinach (S.), *La Colonne Trajane au Musée de Saint-Germain*, Paris, 1886, pág. 32, apud Daicoviciu (H.), *op. cit.* pág. 317.
- (8). — Lehmann Hartleben (K.), *Die Trajanssäule*, Berlim, 1926, pag. VII, apud Paribeni, *op. cit.*, vol. II, pág. 247 — (Da mesma forma Strong (E.), *La scultura romana da Augusto a Costantino*, Florença, 1926, nega valor à Coluna como fonte histórica.
- (9). — Paribeni (R.), *op. cit.*, vol. II, pág. 248.
- (10). — Daicoviciu (Hadrian), *op. cit.*, pág. 323.
- (11). — Bartoli (Pietro Santi), *Die Trajanssäule* (aguaforte), 1667, Editora Ernst Dzur, 1941, com explicações das cenas, em alemão, por Dzur (E.A.P.), pág. 3.
- (12). — *Auctoritas* revela "autoridade moral com um matiz religioso"; "*potestas* tem sentido jurídico e constitucional". Aymard (André), Auboyer (Jeanine). Trad. Prof. Pedro Moacyr Campos, *Roma e seu Império*, in *História Geral das Civilizações*, São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1956, tomo II, vol. 2º, pág. 38.
- (13). — Suetônio Tranquilo (Caio), *Los Doce Césares*, trad. espanhola por Jaime Arnal, Barcelona, Ed. Iberia, pág. 56.
- (14). — *Ibid.*

Trajano encarnou êsse ideal e seu poder esteve unido ao espírito liberal (15).

Os imperadores da dinastia cláudia, posteriores a Otávio, consideraram sua autoridade como um direito pessoal firmado na ligação com o falecido imperador. A Lei de Império de Vespasiano foi uma primeira tentativa de definir por escrito as relações entre o *Princeps* e o Estado, os direitos e os deveres do governante. Entretanto, o triunfo do principado como instituição foi tanto mais útil à paz e ao progresso quanto mais os imperadores tiveram *auctoritas* em extensão e profundidade.

As aclamações de Trajano como imperador, o poder tribunicio (o 17º foi de 10 de dezembro de 112 a 10 de dezembro de 113), assim como o cargo de pontífice máximo em epígrafe na Coluna (fig. nº 1), encerram *potestas*. No fim do seu govêrno, mesmo quando suas vitórias o haviam feito um herói, Trajano adota em 116 o título republicano de procônsul.

A última parte da inscrição — para mostrar quanto foi escavado o monte e o lugar para a construção de tamanhas obras — julgo que põe em evidência o esforço de Trajano na realização das obras imperiais, constituindo-se por sua vez a própria evidência em propaganda da obra do imperador, especialmente do imperialismo. Germânico e Dácico, são elementos corroborativos da epígrafe acima. Desta forma a propaganda continua após as guerras dácicas, como fôra realizada antes delas, através do Panegírico de Plínio-o-jovem. Preparava-se a guerra aos partos com a conseqüente abertura de novas rotas comerciais.

*

A figura nº 2 (cena 56 de Bartoli) (16), representa um aspecto do fim da primeira guerra dácica e provocou interpretações extremamente diversas. À esquerda vêm-se dácios entregando as armas e, à direita, no primeiro plano, aparece um grupo de dácios que destroem com o picão o muro de sua própria fortaleza. Trata-se, portanto, do cumprimento de cláusula da paz que sucedeu à primeira guerra. As explicações de Dzur dizem tratar-se da volta dos dácios, com suas mulheres, crianças e gado, após a primeira guerra.

(15). — Plínio-o-jovem, refere que tudo dependia da vontade de um homem (*unius arbitrio*). O Imperador "tinha todos os encargos aliviando os demais. Por uma ditosa combinação, dessa fonte generosa dimanam até nós arrôlos onde podemos beber também", Plínio-o-jovem, *Cartas*, trad. francesa de Sicard (C.), Paris, 1954, tomo I, livro 3º, 20, pág. 201.

(16). — Bartoli (Pietro Santi), Dzur (E.A.P.), *op. cit.*, pág. 131. A trad. das descrições é gentileza do Rev. Pe. Huberto Rademakers.

Froehner (17) via nessa cena os dácios em ato de esconder-se em vasta gruta da qual se fechava a entrada. Cichorius (18) sustentava tratar-se de emigração da população dácia em seguida às condições impostas por Trajano depois da primeira guerra. Reinach (19) compreendeu nessa cena o seguinte:

“os dácios destroem as fortificações de Sarmizegetusa. Uma longa fila de mulheres, velhos e crianças voltam com os rebanhos às regiões de onde haviam sido expulsos pela guerra”.

Os historiadores rumenos vêm aceitando êste parecer porque a arqueologia tem comprovado a continuidade dos dácios-getsas na Dácia romana.

*

Na figura nº 3 (cena 89 de Bartoli), grande muralha com tôres circunda a montanha. Mais abaixo os dácios constroem uma segunda muralha de pedras. Os romanos tomam essa segunda muralha e destroem suas paredes. Nota-se que as paredes da primeira fortaleza são irregulares e estacas redondas são dispostas em profundidade, de modo que exteriormente não se vê senão a extremidade. Na cena 92 de Bartoli, alternam-se filas de blocos de pedra regularmente talhada e traves dispostas como, na primeira muralha da cena 89. Hadrian Daicoviciu (20) diz que as traves de ligação das muralhas dácias não se viam tôdas na parte externa e não se dispunham em camadas contínuas. Desta forma a Coluna é uma representação deformada da muralha dácia.

T. Birth via a Coluna como um gigantesco rôlo de papiro ilustrado. Seria a representação dos *Commentari*, hoje perdidos do imperador Trajano (21). Os artistas não conheciam necessariamente a Dácia e representaram mal suas muralhas. H. Daicoviciu segue a tese de Birth e nega categoricamente que os artistas que esculpiram a Coluna tivessem estado na Dácia.

*

A figura nº 4 (cena 94 de Bartoli), representa um grupo de soldados auxiliares dos romanos que andam; à frente uma longa fila de dácios, com mulheres e crianças caminham na mesma direção.

(17). — Froehner (W.), *La Colonne Trajane*, Paris 1872, apud Daicoviciu (H.), *op. cit.*, pág. 313.

(18). — *Op. cit.*, vol. II, págs. 362 e 365, apud Daicoviciu (H.), *op. cit.*, pág. 314.

(19). — *Op. cit.*, pág. 52, apud Daicoviciu (H.), *op. cit.*, pág. 314.

(20). — *Op. cit.*, pág. 321.

(21). — Birth (Th.), *Die Buchrolle in der Kunst*, Leipzig, 1907, págs. 269-270, apud Paribeni, *op. cit.*, vol. II, pág. 247.

Nota-se que mais de um têrço das pessoas representadas olha para trás. As explicações de Dzur para esta cena de Bartoli dizem que muitos dácios não querendo viver sob o império dos romanos, obtinham licença para emigrar. São dácios que emigram para a zona vizinha (22). Reinach e Cichorius estão de acôrdo em tratar-se esta cena de emigração dos dácios; êste último autor admite a emigração em massa da população dáctica. Hadrian Daicoviciu, baseado em recentes estudos arqueológicos, vê a possibilidade de tratar-se da evacuação de certas zonas, provàvelmente a das cidades dácticas dos Montes Orastie, no coração do Estado dáctico. Aí as pesquisas têm comprovado a sistemática destruição de tôdas as fortalezas e dos santuários. A evacuação da região dos Montes Orastie, centro militar, político e religioso da Dácia, teria em mira evitar a revolta da população local. A maioria dos vestígios romanos na zona citada pertence ao exército. Alguns remontam aos anos da guerra, outros, como em Gradistea Muncelului, ou Bucium, pertencem às guarnições deixadas pelos romanos. Na zona citada os traços de vida civil romana são poucos. Para Hadrian Daicoviciu, o quadro reflete a deportação, relativamente lenta, de numeroso grupo, mas dentro da mesma nova província (23).

Comprovando-se cada vez mais a permanência do elemento autóctone na Dácia, a “deportação em massa” defendida por Cichorius, hoje não encontra mais base de sustentação.

*

H. Daicoviciu, aceitando a hipótese de T. Birth de que a Coluna é um gigantesco rôlo de papiro ilustrado, acha-a cronologicamente exata; os divesros acontecimentos: sacrifícios, alocações ao exército, conselhos de guerra etc., seguem na Coluna a ordem do relato.

O caráter oficial do documento em aprêço evidencia-se, desde a inscrição do pedestal. A deformação dos fatos é notória; só uma vez são representados soldados romanos feridos.

A Coluna Trajana não reproduz com exatidão as fortificações dácticas e, a identificação dos lugares, só pode ser realizada com o auxílio dos textos e das descobertas arqueológicas.

As vestimentas e armas dos dácios são bem representadas. Mesmo que os artistas da Coluna não tenham conhecido pessoalmente a Dácia, viram elementos dêste povo no triunfo de Trajano e nos mercados de escravos.

(22). — Bartoli (Pietro Santi), Dzur (E.A.P.), *op. cit.*, pág. 245.

(23). — Daicoviciu (H.), *op. cit.*, pág. 316.

Recentes estudos comprovam que haviam comércio entre a Dácia e a Itália, desde o início do primeiro século a. C. . Nesta época já os geto-dácios do Sul dos Cárpatos, como os da Transilvânia e do Banat, tinham alcançado alto nível de desenvolvimento econômico (24). A Coluna evidencia êsse comércio (cena 3 de Bartoli). Conclui-se que a Coluna associada a outros documentos é valiosa fonte histórica.

(24). — Mitrea (Bucur), *Les Relations Commerciales des Géo-Daces de la Valachie avec la République Romaine, telles qu'elles Ressortent des Découvertes Monétaires*, in "Studii si Cercetari De Numismatica". Editôra Acadêmica da Rep. Pop. Rum. — 1958 — vol. II, pág. 230.